

Os poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen “Nesta hora” e “Com fúria e raiva”, ambos de “O nome das coisas” (1977), demonstram uma forte influência política dos movimentos que culminaram na Revolução dos Cravos em Portugal, visto que eles foram escritos em maio e em junho de 1974, pouco depois do 25 de abril do mesmo ano, que derrubou a ditadura salazarista que vigorou durante 41 anos. Nesse sentido, a análise desses poemas dificilmente se distanciaria dos fatos históricos, já que, além de terem as suas datas explicitadas, relacionam-se intrinsecamente com o momento vivido à época.

Não apenas os poemas em questão, mas ao olhar para “O nome das coisas” como um todo, é possível observar esse padrão, de poemas que pontuam momentos específicos na história, como o da própria Revolução, e que procuram olhar para o futuro. Como assinala Rodrigo Machado em “Revolução e poesia em O nome das coisas de Sophia de Mello Breyner Andresen”:

O que difere o discurso historiográfico do ficcional é o foco narrativo, enquanto a História tem o compromisso com a busca da verdade e se restringe a relatos do passado, a literatura não aceita nenhuma amarra, é mais livre para criar, para decidir sobre o que falar, ela fundamenta um mundo onde a imaginação prevaleça” (Machado, 2012, p. 87).

Assim, por mais próximo da factualidade histórica que possa estar os poemas, eles continuam sendo ficcionais, porque foram escritos por um Eu com uma subjetividade, diferentemente do sentido científico de buscar a objetividade, e também porque constitui um mundo da prevalência da imaginação, como explicitou Machado. Ainda sobre essa questão da subjetividade e objetividade, Fernando Guimarães, poeta e ensaísta português, a discute em “O modernismo português e sua poética”, e explicita que diferentemente do conhecimento científico, o “conhecimento no caso da poesia, se faz a partir não de conceitos, mas de figuras” (1999, p. 12), e estas figuras portanto, podem aproximar a objetividade na poesia, pois elas são o suporte para sua expressão.

Dessa forma, apesar de intrinsecamente relacionadas com o momento vivido por Sophia Andresen, o que se pode observar nesses poemas é uma certa

transcendência do tempo, devido a possibilidade de eles estarem se referindo ao tempo atual, do século XXI, e não apenas a um tempo e lugar específico. Isso se deve ao fato de que o mesmo sistema, capitalista, continua seu império no mundo até hoje, e portanto, as figuras utilizadas no poema se mantêm atuais, e como em “Fúria e raiva”, em que o demagogo é acusado com o “seu capitalismo das palavras”, o que parece estar em contemplação neste foco narrativo, é o direito ao discurso e ao poder pelo povo, por uma horizontalidade poética e imaginativa.

Apesar de distintos, os poemas constituem-se quase como irmãos, o que se pode observar pela escolha das palavras que se repetem em ambos: “povo”, “demagogo”, “terra”, e até mesmo a frase “pois é preciso”. Desse modo, talvez possa-se constatar pela linguagem, que é simples, sem excesso de requintes, o que também reflete a modernidade dos poemas, e também sem muitas referências a Grécia e seus deuses, como acontece em muitos outros poemas da autora, que os poemas parecem querer se comunicar mais claramente e objetivamente com o povo, mas mesmo com isso, sem ser panfletário, pois é possível observar até mesmo uma reflexão crítica acerca do próprio papel da literatura e da palavra.

Com isso, analisarei mais detalhadamente cada poema, a fim de demonstrar tais afirmações, e de traçar uma leitura possível, porque, como também afirma Guimarães, o ato de leitura cria uma situação de disponibilidade total, e é preciso se atentar para o fato de que os conceitos na poesia não são unívocos, e portanto, há a ambiguidade nas palavras e seus significados possíveis, condicionados pelas figuras (p.12, 13).

Assim, já através do título “Nesta hora”, pode-se observar a pontuação de um momento específico, possivelmente aquele logo após a revolução pois, de fato, foi escrito dia 20 de maio de 1974, e também porque precede o poema “Revolução”, que começa com o verso “Como casa limpa”, assim como “Nesta hora” inicia com “Nesta hora limpa da verdade”. A escolha do adjetivo “limpa” para o início desses versos parece indicar essa oposição ao “sujo” do regime autoritário, e de todos os seus crimes contra a população. Nesta hora, portanto, pode ser justamente a hora da revolução, em que mesmo a verdade impopular precisa ser dita, e não a meia verdade, que é colocada em comparação a partir de figuras simples e diretas: “como habitar meio quarto”, “ganhar meio salário”, “como só ter direito a metade da vida”. Essas comparações podem explicitar um caráter da linguagem, porque conectado à realidade do povo, são metáforas que comunicam de forma mais simples e eficiente.

Logo depois, acusa-se o demagogo, que é aquele que “diz da verdade a metade”, porque ele pensa que o povo “só pensa metade” e que o povo “não percebe nem sabe”. Essa compreensão parece se referir ao próprio direito que o povo deveria ter, para o eu lírico, ao discurso e ao conhecimento, visto que, em seguida, é explicitado que “a verdade não é uma especialidade para especializados clérigos letrados”. Dessa forma, o conhecimento em si não se restringe às formas acadêmicas, ou aos “clérigos” da instituição da Igreja. Assim, parece apontar para o fato de que o povo tem direito também ao poder, o que confere o caráter revolucionário do poema, e que é evidenciado em “Pois é preciso que o povo regresse do seu longo exílio”, ou seja, é preciso que haja essa tomada de consciência.

A afirmação “é preciso” se repete pela terceira e última vez no poema que vai chegando ao seu fim, com “é preciso expor”, e com isso, através do “olhar da mão e da razão” e da “limpidez do elementar”, que, novamente, retoma essa ideia de “limpo”, em oposição ao “sujo”, se procura “construir o canto terrestre”, o que pode indicar a comunhão de vozes que clamam por sua liberdade e seus direitos, visto que, com a marcação de travessões, o verso “Sob o ausente olhar silente de atenção”, demarca sua especialidade, com uma certa pausa, que pode significar o fim da presença daquele olhar da censura, do regime ditatorial. Para, por fim, “construir a festa do terrestre”, “na nudez de alegria que nos veste”.

O segundo poema, portanto, “Com fúria e raiva”, com uma extensão um pouco menor, se relaciona com o poema anterior, porque logo no seu início também acusa o “demagogo”, só que desta vez, “com fúria e raiva”, indicando, talvez, o caráter mais combativo da luta contra o regime autoritário. Em seguida, a “palavra sagrada”, “que de longe muito longe um povo a trouxe”, também se relaciona com a “verdade toda” do poema anterior, e nesse, faz-se mais claro de que o discurso é um direito fundamental do povo. O poder da própria palavra também parece ser evidenciado, e certamente se relaciona com o nome do compilado de poemas “O nome das coisas”, pois “o homem soube de si pela palavra”, “e nomeou a pedra a flor a água”, “e tudo emergiu porque ele disse”. Assim, na última estrofe, novamente o demagogo é acusado com “fúria e raiva”, porque ele “se promove à sombra da palavra” e “da palavra faz poder e jogo” e “transforma as palavras em moeda”, porque ele faz do poder de monopolizar o discurso, a sua renda, porque, como diz no segundo verso, “o seu capitalismo das palavras”, é sua forma de controle do discurso.

Com isso, observa-se que ambos os poemas apresentam uma visão de que o povo é soberano, e deve possuir o direito ao discurso, ao poder, à palavra. O segundo talvez apresente essa ideia de forma mais combativa, o que se pode observar até pelo próprio título, mas o primeiro não deixa de combater e acusar o “demagogo”, aquele que manipula o discurso ao seu favor, e que pode ser compreendido como aqueles que perpetuaram o regime salazarista em Portugal. Mas além disso, o poema, como já mencionado, abre muitas possibilidades de leituras, e ele pode ser lido até mesmo em um sentido mais amplo e para os dias atuais, do século XXI.

Por fim, é possível analisar que o foco narrativo se centra sobre os acontecimentos a partir de um olhar distanciado, apesar de Andresen ter sido combativa e uma das figuras que atuaram pela Revolução dos cravos em Portugal, mas as frases introduzidas por “é preciso” demonstram a sua capacidade de além de lutar contra o regime, visto que, até mesmo se tornou uma das primeiras deputadas a serem eleitas na constituinte, que a sua luta pode ser observada também através das palavras.

Bibliografia

ANDRESEN, S. M B. **Coral e outros poemas**. Seleção e apresentação Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GUIMARÃES, F. **O Modernismo português e sua poética**. Porto: Lello & Irmãos, 1999.

MACHADO, R. C. M. **Revolução e poesia em *O nome das coisas* de Sophia de Mello Breyner Andresen**. Revista Desassossego 7, junho, 2012.